

COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE REMANESCENTES DE FLORESTA ESTACIONAL SEMIDECÍDUA NO CAMPUS DO IFSULDEMINAS, MACHADO, MG

**Miguel G. REIS¹; Alice S. LEAL¹; Marielly G. REZENDE¹; Rodolfo R. MARINHO¹;
Danilo O. C. LIMA¹; Rayanne M.A. MATOS¹; Walnir G. FERREIRA-JUNIOR¹**

RESUMO

A Mata Atlântica encontra-se, em grande parte, dispersa nos fragmentos de diferentes estados de conservação e sucessão que estão comprometidos em sua composição, sendo a perda de biodiversidade o principal impacto ambiental do processo de isolamento. Desta forma objetiva-se inventariar a riqueza de espécies arbóreas em três ambientes distintos, Floresta Paludosa, Floresta de Encosta e Floresta de topo. Foram selecionados indivíduos arbóreos que apresentavam circunferência de tronco a 1,30 m de altura maior ou igual a 15 cm. A floresta de Encosta apresentou maior riqueza de espécies (59), já na Floresta Paludosa (49) destacou-se a família Arecaceae que apresentou maior riqueza de espécies, evidenciando *Euterpe Edulis* Mart (122) e *Magnolia ovata* (79). Na floresta de topo *Metrodorea stipularis* Mart. foi a espécie mais rica. Desta forma evidencia-se que estes dados são de suma importância no que diz respeito a estratégias para conservação destas espécies, e reestabelecimento de suas populações.

Palavras-chave: Mata Atlântica; Conservação; Restauração Florestal; Sul de Minas Gerais.

1. INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica é considerada centro de diversidade e de endemismo para várias famílias e gêneros de plantas vasculares (Mori *et al.*, 1981). Por isso, restringir as ações conservacionistas aos limites da Floresta Ombrófila Densa, próximas ao litoral, implicaria em acelerar o processo de destruição do pouco que resta deste complexo vegetacional, como as Estacionais Semidecíduas e Decíduas da porção mais continental e interiorana do bioma.

Uma vez que a Mata Atlântica encontra-se, em grande parte, dispersa nos fragmentos de diferentes estados de conservação e sucessão, é necessário reconstituir ao máximo a história da vegetação local e, se possível, efetuar comparações entre fragmentos de diferentes áreas remanescentes da mesma cobertura original, para melhor entendimento da sua composição florística, estrutura e dinâmica (Primack & Rodrigues, 2002), uma vez que a paisagem da região sul mineira é

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Campus Machado;
walnir.ferreira@ifsuldeminas.edu.br

altamente fragmentada e predominantemente agrícola, com cerca de 9% da cobertura florestal original, sendo pastagens (51%), culturas de café (17%) e cana-de-açúcar e milho (7%) as principais matrizes dominantes (Dr. Flávio Ramos, comunicação pessoal).

Esses fragmentos de diferentes tamanhos, formas, graus de isolamento, tipos de vizinhança e históricos de perturbações, estão comprometidos em sua composição, sendo a perda de biodiversidade o principal impacto ambiental do processo de isolamento (Ministério do Meio Ambiente, 2003), além da alteração do regime hídrico das bacias hidrográficas e das condições climáticas (Viana *et al.*, 1992). Dado ao exposto objetivou-se inventariar a riqueza de espécies arbóreas em três geoambientes distintos situados em remanescentes de Floresta Estacional Semidecídua: Floresta Paludosa, Floresta de Encosta e Floresta de Topo.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1. Área de estudo

Os estudos foram realizados em remanescentes florestais situados no *Campus* do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais: um com área de 6,5 ha e outro de 4,0 ha no município de Machado, Minas Gerais. A região integra o domínio da Floresta Estacional Semidecídua, dentro do bioma Mata Atlântica (IBGE, 2004). Apresenta relevo variando de fortemente ondulado a montanhoso e altitude entre 830 e 1300 m. A temperatura média anual é de 21,2 °C e o índice pluviométrico médio anual é de 1.824 mm (Moura *et al.*, 2007).

2.2. Composição florística da sinúsia arbórea

Foi selecionada uma toposequência com três geoambientes: Floresta Paludosa, Floresta de Encosta e Floresta de Topo. Em cada pedogeoambiente da toposequência foram lançadas 3 parcelas de 20 x 20 m subdivididas em 10 parcelas contíguas de 10 x 10 m (Mueller-Dombois & Ellenberg, 1974). Foram amostrados indivíduos arbóreos, vivos e mortos, com DAP (Diâmetro a altura do peito = 1,3 m) mínimo, maior ou igual a 15 cm.

Foi adotado o sistema de classificação APG IV (2016). Para a identificação taxonômica foi utilizada literatura especializada e consultas a herbários da região. Todo o material coletado foi herborizado e, quando fértil, depositado no Herbário Geraes do IFSULDEMINAS - *Campus* Machado. As sinonímias botânicas foram atualizadas de acordo com o site da Flora do Brasil (www.floradobrasil.jbrj.gov.br) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o site “The Plant List” do Royal Botanic Gardens, Kew e Missouri Botanical Garden (www.theplantlist.org).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram amostrados 685 indivíduos distribuídos em 124 espécies e 37 famílias no total, das quais quatro foram identificadas até o nível de família, 13 espécimes até gênero e nove

indeterminadas.

Em relação à riqueza de espécies por área, a Floresta Paludosa apresentou 49 espécies, seguida pela Floresta de Encosta com 59 e Floresta de Topo com 53 espécies, distribuídas em 26, 26 e 23 famílias, respectivamente. Das espécies da Floresta Paludosa, destacam-se *Euterpe edulis* Mart e *Magnolia ovata* (A.St.-Hil.) Spreng. e na Floresta de Topo destaca-se *Metrodorea stipularis* Mart. em virtude das grandes populações existentes.

Na Floresta Paludosa as famílias com maior número de espécies foram: Fabaceae com 8 espécies, Myrtaceae com 5, Meliaceae e Sapindaceae com 3 cada. Na Floresta de Encosta as famílias com maior número de espécies foram: Fabaceae, Lauraceae e Myrtaceae com 7 espécies cada, seguidas por Salicaceae com 5, Annonaceae com 4 e Meliaceae com 3. Na Floresta de Topo as famílias com maior número de espécies foram: Lauraceae com 10 espécies, Fabaceae com 8, Meliaceae e Myrtaceae com 5 cada e Annonaceae com 3.

Analisando o total de espécies coletadas as espécies *Euterpe edulis* Mart. e *Ocotea odorifera* (Vell.) Rohwer estão relacionadas na categoria “Ameaçada de Extinção” da Lista Oficial de Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção do Ministério do Meio Ambiente (Instrução Normativa MMA nº 6, de 23 de setembro de 2008). Estas duas espécies ainda estão presentes na Lista da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção da Fundação Biodiversitas do ano de 2005 nas categorias “Vulnerável” e “Em perigo”, respectivamente.

4. CONCLUSÕES

Euterpe Edulis e *Magnolia ovata* são espécies ameaçadas de extinção e estes dados contribuirão no que diz respeito a elaboração de estratégias para conservação destas espécies e reestabelecimento de suas populações em outros fragmentos florestais da região.

Desta forma, recomenda-se que mais estudos de inventários da biodiversidade de plantas desta formação sejam realizados sistematicamente nos próximos anos para abastecer com informações da autoecologia os programas de seleção de espécies e produção de mudas para a restauração florestal de ambientes degradados na região.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem NIPE Campus Machado pelo fornecimento de bolsa de Iniciação Científica.

REFERÊNCIAS

APG IV. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV: **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181: 1–20, 2016.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE - a. **Mapa de Biomas do Brasil: Primeira aproximação**. Rio de Janeiro: IBGE. 1 mapa, colorido. Escala 1:5.000.000. Disponível em: <ftp://geoftp.ibge.gov.br/mapas/tematicos/mapas_murais/biomas.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2014. 2004.

Ministério do Meio Ambiente. 2003. **Fragmentação de ecossistemas – causas, efeitos sobre a biodiversidade e recomendações de políticas públicas**. Brasília, Distrito Federal

MORI, S.A., BOOM, B.M. e PRANCE, G.T. 1981. Distribution patterns and conservation of eastern Brazilian coastal forest tree species. **Brittonia** v. 33 n.2 p: 233-245.

MOURA, L. C. et al. A aptidão agrícola das terras do município de Machado / MG e a cafeicultura. **Caderno de Geografia**, v.17, p. 141-162. 2007.

MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. 1974. **Aims and methods of vegetation ecology**. New York, John Wiley & Sons. 547 pp.

PRIMACK, R.B. & RODRIGUES, E. 2002. **Biologia da conservação**. Editora Vida, Londrina, Paraná. p.327.

VIANA, V. M.; TABANEZ, A. J. A.; MARTINEZ, J. L. A. 1992. Restauração e manejo de fragmentos florestais. p. 400-406. In: **Anais do Congresso Nacional sobre Essências Nativas em Campos do Jordão**. Campos do Jordão 1992. v.2. Instituto Florestal/Secretaria de Meio Ambiente, Campos do Jordão.